UM ESTUDO DOS HIDROTOPÔNIMOS E ANIMOTOPÔNIMOS PRESENTES NA HIDRONÍMIA DA MICRORREGIÃO DO GERAIS DE BALSAS À LUZ DA TOPOFILIA

A STUDY OF HYDROTOPONYMS AND ANIMOTOPONYMS IN THE HYDRONYMY OF THE GERAIS DE BALSAS MICROREGION IN LIGHT OF TOPOPHILIA

Recebido: 27/03/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4515

Idelfonso de Sousa Jorge Júnior[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-0162-446

Maria Célia Dias de Castro[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-3346-5990

Resumo: Os hidrônimos são nomes de acidentes físicos presentes no ambiente, como riacho, rio, brejo, igarapé e outros que, em determinado momento, passaram a integrar a cosmovisão do grupo que os nomeou conforme chegavam às suas margens. Dessa forma, a nomeação dos elementos físicos do ambiente mostra a relação clara entre povo, língua e território e seus aspectos comunicativos, em que se recorre à Toponímia e à Topofilia para embasar este estudo, já que esses domínios possuem um ponto de intersecção, que é a interdisciplinaridade com outras ciências como antropologia, história e psicologia e, principalmente, partem do lugar como referência básica. É uma pesquisa também etimológica, e compreende-se que o léxico reflete uma visão coletiva que se cristaliza pelo processo de lexicalização da palavra, em que nomes, significado e sentimentos se sobressaem, aspectos também inerentes à Topofilia. Tem-se como objetivo analisar os principais sentidos explorados pelos nomes que possuem como motivações o próprio elemento água (hidrotopônimos) e o estado emocional ou sentimental do denominador (animotopônimos), de forma que se reflita acerca da concepção de lugar dos elementos geográficos e de suas nomeações. Como aporte teórico, embasamos esta pesquisa nos estudos de Andrade (2017), Biderman (1998), Castro (2017a, 2017b), Dick (1990a, 1990b), Pereira (2022) e Tuan (2013, 2012, 2005). Em suma, este estudo é pertinente por permitir compreender como o ato de nomear e o elo afetivo são importantes, uma vez que nos permitem

[1] Mestrando em Letras, com foco em Linguagem, Memória e Ensino, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Graduado em Licenciatura em Letras pela UEMA (Campus Balsas) e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UNINTER). É integrante do grupo de estudos Língua, Cultura, História e Poder (LINCHI) e contribui com a construção do Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA). Atua como professor efetivo na Secretaria Municipal de Educação de Balsas-MA(SEMED). E-mail: idelfonso.junior@uemasul.edu.br

[2] Professora Associada da Universidade Estadual do Maranhão, Uema Campus Balsas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UEMA - Campus Balsas; professora do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Uemasul, Impertriz/MA. Graduou-se na Universidade Estadual do Maranhão UEMA/Campus Balsas, em Letras. Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia-GO, quando desenvolveu a pesquisa O Aspecto das Vogais na Fala do Sertanejo da Região de Balsas-MA (09.03.2008). Doutorado em Letras e Linguística pela UFG, Goiânia-GO, quando defendeu a tese Maranhão: Sua Toponímia, Sua História (09.03.2012). Participou de Estágio "Doutorado Sanduíche" (PDDE - CAPES), na Universidade de Lisboa, Portugal, em 2010. Pós-Doutoramento em 2015, na Universidade Nacional de Brasília UnB, em Ecolinguística, sob orientação do Prof. Supervisor Dr. Hildo Honório do Couto. Pós-Doutoramento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas, em 2017, sob a supervisão da Prof. Dr. Aparecida Negri Isquerdo, com pesquisas na área de Estudos do Léxico e Toponímia, precisamente com o projeto "Atlas Toponímico do Estado do Maranhão- ATEMA: mesorregião Sul Maranhense". Coordenadora da Pós-Graduação - Mestrado em Estudos da Linguagem - PPGEL, Campus Balsas. Pesquisadora PQ-C-12655/25, CNPq/FAPEMA. Atua principalmente nos seguintes temas: Linguística Ecossistêmica, Estudos do Léxico, Onomástica (Toponímia e Antroponímia) - Municípios Maranhenses, Região Sul Maranhense, Sertanejo, Língua, Cultura e História. E-mail: maria.castro@uemasul.edu.br

perceber de que forma os grupos humanos percebem, interpretam e se relacionam com o meio ambiente.

Palavras-chave: Hidrônimos. Ambiente. Toponímia. Topofilia.

Abstract: Hydronyms are names of physical features present in the environment, such as streams, rivers, swamps, igarapés, and others which, at a certain point, came to be integrated into the worldview of the group that named them as they reached their banks. Thus, the naming of the physical elements of the environment reveals a clear relationship between people, language, and territory, as well as their communicative aspects. In this sense, this study draws on Toponymy and Topophilia as its theoretical basis, since these domains intersect through their interdisciplinary dialogue with other fields such as anthropology, history, and psychology, while taking place as their fundamental reference. This research also has an etymological dimension, considering that the lexicon reflects a collective worldview that becomes crystallized through the process of lexicalization, in which names, meanings, and feelings stand out—elements that are likewise inherent to Topophilia. The objective of this study is to analyze the main senses explored in names motivated either by the water element itself (hydrotoponyms) or by the emotional or sentimental state of the namer (animotoponyms), in order to reflect on the conception of place associated with geographic elements and their naming. The theoretical framework of this research is based on the studies of Andrade (2017), Biderman (1998), Castro (2017a, 2017b), Dick (1990a, 1990b), Pereira (2022), and Tuan (2013, 2012, 2005). In sum, this study is relevant because it allows for an understanding of how the act of naming and the affective bond with places are significant, as they reveal how human groups perceive, interpret, and relate to the environment.

Keywords: Hydronyms. Environment. Toponymy. Topophilia.

Introdução

O processo de nomeação consiste em perceber o objeto ou referente, caracterizá-lo a partir dele mesmo, identificar-se com ele. Esta ação acompanha as populações desde os primórdios da humanidade e é resultado de um processo de categorização no qual o denominador, conforme se sensibiliza com o meio de forma individual ou coletiva, aciona os aspectos cognitivos e discrimina o elemento que passa a integrar o conjunto paradigmático da comunidade, por meio da coletivização da palavra. Este processo ocorre na fixação de um nome que referencia um lugar ou um acidente físico do ambiente, guardando, em sua substância, as marcas histórico-social-linguísticas de um passado que resiste preservando aspectos linguísticos, físicos e antropoculturais.

Nesse sentido, os nomes de lugares, de rios, de morros, entre outros, são reflexos de um espaço ocupado pela singularidade de uma cultura, um marco coletivo. “O nome é de linguagem popular e fica propriedade de todos. Aliás, uma designação então se torna verdadeiramente geográfica quando adquirir essa ‘popularidade’. Antes disso, é batizado sem confirmação” (Backheuser, 1950, p. 166). A respeito do estudo desses aspectos, há a Onomástica, ciência dedicada à investigação do nome próprio de pessoas (Antroponímia), de animais (Zoonímia), de lugares (Toponímia), de rios (Hidronímia), entre outros, sendo o campo da Toponímia o que possui um maior número de trabalhos publicados. Para esta pesquisa, focou-se na análise dos nomes

de rios, riachos, córregos e outros cursos d'água, que são denominados de hidrônimos e que possuem como motivação o próprio elemento água e o estado de espírito (positivo ou negativo) diante do referente, classificados, conforme as taxionomias propostas por Dick (1990a), como hidrotopônimos e animotopônimos.

Tendo em vista esses aspectos, este estudo parte da perspectiva do lugar (especialmente no que se refere aos hidrônimos) como símbolo de afetividade, marcado por traços de uma coletividade cultural e ideológica. Tais traços se constroem a partir da confluência entre semelhantes e a cultura que se estabelece às margens dos cursos d'água, que são elementos fundamentais à vida de todos os seres. Assim, esses cursos recebem diferentes nomeações a partir dos sentidos atribuídos pelas comunidades que deles se utilizam, seja em função da cor ou da força das águas, seja pela presença de animais que habitam seu interior ou percorrem, continuamente, seu entorno.

Aliado a esses aspectos linguísticos, culturais e singulares do nome próprio de cursos d'água, recorre-se à concepção de lugar na perspectiva toponímica (dimensão linguística dos nomes), em especial, a seu aparato teórico-metodológico, estabelecendo um elo com os pressupostos da Topofilia (dimensão afetiva do espaço), que, conforme Tuan (2012), inserido na corrente da Geografia Cultural e Humanista – que estuda a relação entre cultura, experiência humana e espaço geográfico, compreendendo os significados, percepções e vínculos afetivos que são estabelecidos pelos indivíduos com os lugares –, compreende que pensar nos lugares é resgatar uma visão de mundo e a sensibilidade de estar, isto é, um espaço experienciado. Esse mesmo autor (2012, p. 19) percebe esta área de estudos como "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico", em que "o lugar é referência fundamental nas análises dos estudos toponímicos e da Geografia Cultural" (Nascimento; Andrade; Pereira, 2018, p. 1005).

Posto isso, o objetivo deste trabalho é analisar os principais sentidos explorados pelos nomes de cursos d'água que possuem como motivação o próprio elemento água (hidrotopônimos) e a representação psíquica em relação à paisagem (animotopônimos), de forma que se reflita acerca da concepção de lugar. Além disso, metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como documental, pois se ancora na análise dos hidrônimos disponíveis nos Mapas Cartográficos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e caracteriza-se como qualitativa, uma vez que parte da lente teórica da Toponímia e da Topofilia para interpretação dos

dados. Para tanto, esta pesquisa utiliza como base teórica principalmente os estudos de Andrade (2017), Biderman (1998), Castro (2017a, 2017b), Dick (1990a, 1990b), Pereira (2022) e Tuan (2013, 2012, 2005). Assim, este estudo é pertinente porque permite a compreensão de que o ato de nomeação e o elo afetivo com o lugar são essenciais para que se entenda como as sociedades se organizam, relacionam-se e identificam-se com o meio ambiente natural.

Toponímia e Topofilia: um ponto de intersecção no estudo do léxico onomástico

Os elementos hidrográficos sempre foram fundamentais à vida na terra, pois, além de permitirem a existência e a manutenção dos seres vivos, permitiram-lhes explorarem os vários limites do planeta e formarem, às margens dos rios ou riachos, as primeiras povoações. “Os cursos d’água demarcam territórios, aproximam povos, são fontes de vida e de inspiração para o homem, funcionam como vias naturais de acesso a novos espaços” (Isquerdo; Seabra, 2010, p. 79). Logo, estudar os nomes dos cursos de água de uma região é caminhar pelos caminhos fluviais do léxico de um lugar.

No estudo dos nomes de cursos d’águas, depara-se com alguns termos, como *hidrônimo, hidronímia* ou *hidrotoponímia* [3]em que, conforme Silva e Sirqueira (2022, p. 6), “o hidrônimo é o nome dado aos cursos d’água; a hidronímia é o conjunto de acidentes hidrográficos, como rios, córregos, corixos, lagoas, lagos, baias, saltos e cachoeiras; e, o hidrotopônimo é o conjunto de hidrônimos de mesma base lexical ou campo semântico”. Dessa forma, considerando-se a rica formação hídrica da Microrregião do Gerais de Balsas, o estudo acerca dos hidrônimos presentes nessa região são seminais aos estudos linguísticos, pois

> os caminhos fluviais representam um fator preponderante a ser considerado no estudo da toponímia, em especial, em regiões privilegiadas por correntes hídricas, razão pela qual há a tendência de o nome do rio inspirar o nome da cidade e não raras vezes instaurar-se nesses contextos um amálgama entre rio e cidade, em termos toponímicos, que só informações históricas elucidam a questão da motivação do nome (Isquerdo; Dargel, 2014, p. 63).

[3] Em estudos toponímicos, quando a investigação se volta especificamente para os nomes de acidentes físicos hídricos, utiliza-se o termo Hidronímia, sendo hidrônimos as denominações atribuídas a esses elementos (no caso, ao objeto de estudo da Hidonímia). Ademais, tais nomes podem apresentar diferentes motivações, como características da água, a exemplo de Riacho *da Lagoa* (hidrotopônimo), ou da fauna, como em Brejo *da Onça* (zootopônimo).

A partir desses aspectos, compreende-se que o ato de nomear, processo que acontece desde o princípio dos tempos, marca a existência de elementos do ambiente no imaginário do denominador, no processo de formação do léxico. Biderman (1998) reforça a força da palavra sobre as pessoas por meio dos nomes próprios, que, nas culturas arcaicas, não deveriam ser revelados devido às consequências a que seus possuidores estavam sujeitos tendo em vista que o nome próprio não lhes era concedido de forma arbitrária. Aliada à essa perspectiva, Castro (2017a) afirma que no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, é narrada a gênese do mundo e o uso da palavra para denominar um referente era fundamental para revelar uma relação originária de cuidado e responsabilidade com a criação, mas também de relações de poder, já que as localidades receberam os nomes dos imperadores, reforçando, portanto, que o sujeito ao nomear "domina e denomina, simultaneamente" (Castro, 2017b, p. 394).

A respeito da palavra, Castro (2017b) evidencia seus aspectos multiformes: a cognitiva, pois permite ao homem conceituar e discriminar a realidade, e a comunicativa enquanto possibilidade de expressão e inter-relação com a comunidade. Portanto, essas relações são manifestadas no complexo sistema lexical, pois "a denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem" (Biderman, 1998, p. 88). Além do mais, conforme a mesma autora (1998), no processo cognitivo, há a formação primária e secundária que equivalem, respectivamente, a formular conceitos e nomear/designar. Dessa perspectiva resulta um "complexo bio-psíquico, integrado por estímulos ou excitações neuronais e por processos mentais propriamente ditos, como as faculdades de 'pensar', de 'compreender' ou de 'raciocinar' (Dick, 1990a, p. 31). O ato de nomear, portanto, é uma dupla forma de pertencimento como símbolo de existencialidade do ambiente ocupado para estabelecer a relação de posse com o lugar, de forma que esses aspectos sejam percebidos via léxico.

> O léxico é o componente da língua que mais diretamente tem a ver com o meio ambiente da comunidade, isto é, as unidades lexicais revelam as experiências dos falantes com o mundo e a interação entre os pares por meio dos significados que carregam as palavras (Araújo, 2014, p. 123).

A partir desse processo interacional, para efetivar o processo de lexicalização, como ato primário, os interactantes formulam conceitos, associando-os às palavras e, por último, aos referentes. E são as palavras "a matéria-prima com que construímos

nossas ações de linguagem" (Antunes, 2012, p. 27). Ademais, as categorizações linguísticas são expressas por meio do léxico das línguas e, conforme as conhecemos, estas vão apresentando formas distintas de categorizar que dependem dos aspectos sensoriais dos sujeitos denominadores aplicados à sua realidade. A categorização condiciona-se à semântica de uma língua, pois o processo de conceptualização, ao referenciar a realidade, não é atribuído a partir de conceitos fechados, porque essas categorias existentes podem ser reformuladas a partir dos estímulos do ambiente (Biderman, 1998) e servem para atender às demandas comunicativas dos grupos sociais (Antunes, 2012).

Nesse sentido, o léxico se constitui a partir da realidade de seus utentes, de forma que os critérios, dinâmicos e variados, podem ser "o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, [...] um aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante" (Biderman, 1998, p. 89). Logo, o objeto é revestido de importância à comunidade e este, necessariamente, é nomeado principalmente pelo viés da Geografia Cultural e Humanista, em que o "lugar é estabelecido a partir das experiências dos indivíduos, sendo avaliado como o lar, a cidade, a região dos mesmos" (Andrade, 2017, p. 143).

Nesse sentido, estudar os nomes de lugares é observar como os espaços são ocupados e denominados a partir das relações afetivas e culturais dos membros das comunidades com o próprio ambiente. Acerca disso, Tuan (2012) assinala que sujeitos distintos não percebem a realidade da mesma maneira, apesar de compartilharem percepções comuns devido à similaridade dos órgãos, o que, na hidronímia, explica o fato de um mesmo rio ou riacho possuírem diferentes nomes, visto que acionam percepções diferentes entre os denominadores o que requer do pesquisador atenção aos fatos da língua enquanto possibilidade, relação afetiva e de resistência. "O lugar é sentimentos de pertencimento, afetividade, mundo vivido e experienciado na relação que se estabelece entre o denominador e o *designatum*" (Andrade, 2017, 144).

Esses lugares nem sempre são permeados por relações afetivas positivas, já que as experiências, "termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade" (Tuan, 2013, p. 17), podem evocar lembranças desagradáveis ou sentimentos de desconforto diante da paisagem. Ainda assim, tais sensações negativas, associadas ao medo e à estranheza, desempenham

também uma função de sobrevivência, ao sinalizar possíveis perigos. Tuan (2005, p. 12) denominou esse fenômeno de paisagens do medo, em que “toda construção humana, mental ou material, é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos”. A experiência, desse modo, junto aos órgãos sensoriais, permite aos seres humanos construírem vínculos intensos pelos espaços ocupados, sejam eles marcados por afetos positivos ou por percepções de risco e cautela.

Sapir (2016 [1969]) chama a atenção quanto ao fato de atribuir às influências que a cultura sofre somente ao ambiente físico e, a partir dessa percepção, traz à luz as influências de cunho social, que também integram o que determina como ambiente, pois “cada indivíduo se acha colocado em meio de um conjunto de fatores sociais, a eles reagindo, portanto”, (Sapir, 2016 [1969], p. 36). Para esse mesmo autor, é importante destacar que a língua é como o complexo de maior representação do aspecto físico e social em que um grupo ou falante está situado e convém atribuir ao termo ambiente tanto os fatores físicos quanto os sociais. Conforme Sapir (2016 [1969], p. 37),

> por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Considerando o quadro ambiental em que os falantes se encontram, esses dois grandes fatores supramencionados refletem-se na língua simultaneamente, e não de forma isolada, porque o ambiente físico só se reflete na língua mediante atuação das forças sociais sobre ele (Sapir, 2016 [1969]).

Em uma intersecção com a Topofilia, junto às forças sociais que atuam sobre o lugar, esses ambientes caracterizam-se como centros de significados formados a partir das experiências de *estar*, já que os laços de afetividade são compartilhados socialmente e são essenciais à formação da identidade cultural do lugar. Em relação ao meio ambiente e à visão de mundo, dialogando com as percepções de Sapir (2016 [1969]), Tuan (2012, p. 116) afirma que o “meio ambiente natural e a visão de mundo estão estreitamente ligadas: a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura

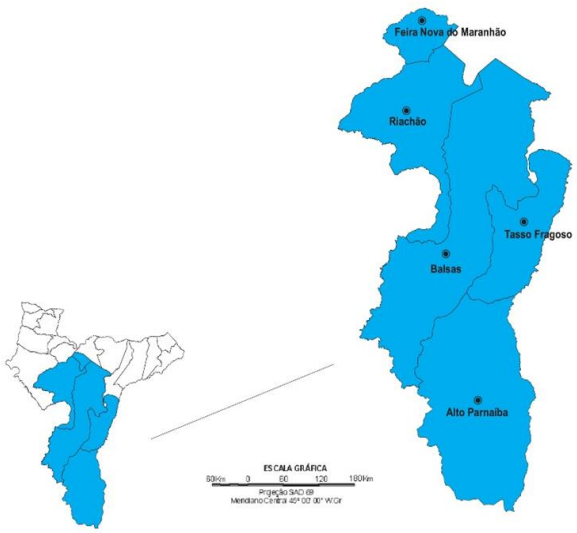
estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo".

Compreendendo o lugar de análise

A Microrregião do Gerais de Balsa está situada na Mesorregião Sul Maranhense. Esta mesorregião está localizada na região Nordeste do Brasil, mais especificamente na região Meio-Norte e contempla quatorze municípios; ademais, conforme Curvelo (2009), esta região é caracterizada, principalmente, pelas chapadas, cerrados e por possuir a nascente do Rio Parnaíba, que influenciaram nos nomes dos lugares situados nesse espaço. Esta mesorregião ocupa uma área de 67.899,8 km² e integra parte da Amazônia Legal, maior biodiversidade do planeta, com menor grau de ocupação (Piovesan, 2020).

Nesse contexto geográfico, o espaço central desta pesquisa é constituído pelos municípios de Alto Parnaíba, Balsas, Riachão, Feira Nova do Maranhão e Tasso Fragoso, conforme representado no mapa de localização da Microrregião do Gerais de Balsas.

Figura 1 - Mapa de localização da Microrregião do Gerais de Balsas



Fonte: (Jorge Júnior, 2024, p. 41).

Metodologia

Esta pesquisa possui como escopo metodológico a ciência onomástico-toponímica, articulada a contribuições teóricas da Geografia Cultural e Humanista e toma como objeto de estudo os hidrônimos maranhenses. O objetivo é analisar os principais sentidos mobilizados pelos nomes hidronímicos, cuja motivação reside no próprio elemento água, de forma que se reflita acerca da concepção de lugar construída pela nomeação dos elementos hídricos e pelos sentidos que essa nomeação aciona. Para isso, parte-se de uma abordagem qualitativa (Creswell, 2010), que orientou na investigação e interpretação dos designativos, com investigação bibliográfica e descritiva que, conforme Silveira e Córdova (2009), integram um estudo de levantamento. Além do mais, respaldamo-nos nos estudos onomásticos e nas principais correntes teóricas que compõem a subárea toponímia, pois

> o método onomasiológico permite ver a cultura do povo cuja língua se estuda, costumes, ocupações, instrumental, crenças e crendices, moradia, enfim sua mundividência. Permite sentir a linguagem viva traduzindo a vivência cultural do povo (Basseto, 2001, p. 77 *apud* Silva; Siqueira, 2022, p. 3).

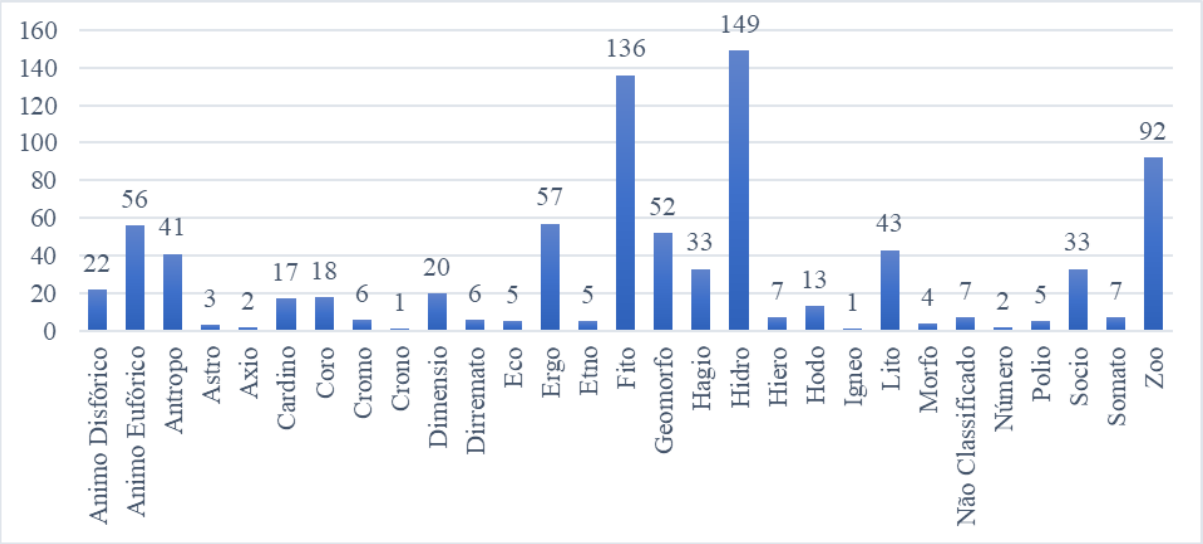
Os dados do *corpus* são nomes que constam nas bases de mapas municipais estatísticos disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010), escala 1: 100.000, os quais foram elencados e sistematizados para comporem a plataforma do Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA. Ademais, realizou-se a delimitação do *corpus* para representação final dos dados, focando-se na análise dos hidrotopônimos e dos animotopônimos.

Resultados e discussão

O signo toponímico, em grande parte, guarda, em sua substância, as características do ambiente, de crenças e dos aspectos organizacionais das comunidades, o que ressalta o lugar como um espaço de afetividade (Andrade, 2017), preceito essencial da Topofilia. Nessa vertente, Tuan (2012, p. 161) afirma que “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”. Nesse sentido, a sensibilidade das comunidades aos elementos do meio ambiente os levou a atribuir nomes aos vários cursos de águas que formam o *corpus* desta pesquisa. Dessa forma, nesta seção, apresenta-se a quantificação do *corpus* geral da Microrregião do Gerais de Balsas e, em seguida, o recorte escolhido para este estudo.

A microrregião é constituída de 2.459 topônimos, dos quais, após a delimitação dos dados, 843 são hidrônimos, distribuídos a partir das motivações, conforme o gráfico 01. Segue o gráfico de ocorrência das taxionomias presentes entre os hidrônimos da Microrregião do Gerais de Balsas.

Gráfico 1 - Taxionomais presentes na Microrregião do Gerais de Balsas



Fonte: (Jorge Júnior, 2024, p. 56).

Como observado no gráfico, os cursos d'água presentes na Microrregião do Gerais de Balsas apresentaram maior percentual de taxionomais que acionam o próprio meio que circunda esses elementos geográficos, um processo de metacategorização, revelando as diferentes formas subjetivas de percepção e de interação com o meio ambiente natural. Entre elas, as que mais se destacaram foram os hidrotopônimos (149 ocorrências), fitotopônimos (136 ocorrências) e zootopônimos (92 ocorrências). Em relação às motivações de natureza antropocultural, destacaram-se os ergotopônimos (57 ocorrências), animotopônimos eufóricos (53 ocorrências) e antropotopônimos (44 ocorrências). No entanto, nesta pesquisa, focou-se no estudo da motivação de ordem física mais presente na Microrregião do Gerais de Balsas: os hidrotopônimos; e nos de natureza antropocultural: os animotopônimos. Esta classificação se caracteriza pela representação da vida psíquica e da cultura espiritual, positiva ou negativa, e aquela integra os "topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral: água, rio, córrego, ribeirão, foz etc." (Dick, 1990, p. 31), ou seja, nomes que refletem as características do acidente físico, em que a própria água serve como marcador linguístico e cultural ao se cristalizar no léxico da

comunidade, além de serem indispensáveis para a formação e sobrevivência de qualquer população. A seguir, apresenta-se o quadro de distribuição dos hidrotopônimos e dos animotopônimos por município.

Quadro 1 - Distribuição dos hidrotopônimos por município

Município	Hidrotopônimos	Animotopônimos
Alto Parnaíba	Rio Água Quente (02), Rio Parnaíba (15), Rio Parnaibinha (05), Rio Riozinho (04), Ribeirão Água Branca, Ribeirão Correntão (02), Ribeirão Fervedor, Ribeirão do Salto, Riacho do Brejão (02), Riacho Brejo da Enxada, Riacho Brejo da Onça, Riacho Brejo da Roça (02), Riacho da Cabeceira, Riacho do Correntão (03), Riacho da Lagoa Vermelha, Riacho Ribeirão (02), Riacho Sumidouro, Riacho Correntinho, Riacho Correntão, Córrego Água Barrenta, Córrego Água Branca (02), Córrego Brejão (02), Córrego Sumidouro, Córrego Córrego (02), Cachoeira Cachoeira, Brejo da Água Branca, Brejo do Boqueirão (02), Brejo Fervedor, Brejo da Lagoa (04), Brejo do Riacho, Brejo do Vau, Brejo Brejão (02) e Brejo Brejo.	*Disfóricos*[4]: Rio Medonho (05), Rio Ruim (03) e Rio do Choro. *Eufóricos*: Ribeirão Pureza, Riacho Pureza (03), Brejo da Persistência, Brejo Boa Vista, Riacho da Figura e Riacho da Promissão.
Balsas	Brejo Águas Claras, Brejo Brejão (03), Brejo Brejão de Cima, Brejo Brejo, Brejo das Cabeceiras, Brejo das Cachoeira, Brejo da Lagoa (02), Brejo do Poço, Brejo Seco, Lagoa Grande, Lagoa do Salto, Lagoa Seca (02), Riacho Brejão, Riacho do Brejão, Riacho Brejo Comprido, Riacho do Brejo da Lagoa, Riacho Brejo do Meio, Riacho Cabaceira, Riacho da Cachoeira, Riacho Cacimba, Riacho do Poço Verde (02), Riacho Riachinho, Ribeirão Bebedouro, Ribeirão do Bebedouro, Ribeirão do Brejão, Ribeirão da	*Disfóricos*: Rio Morto, Riacho da Pendanga, Riacho do Temerante e Brejo do Besta. *Eufóricos*: Ribeirão Bom Acerto (02), Ribeirão das Figuras, Rio Maravilha (04), Riacho Boa Esperança (02), Riacho do Alegre (02), Riacho do Alegrete (02), Riacho Boa Vista (02), Riacho Bom Tempo, Riacho Boa Sorte, Riacho Boa Esperança, Riacho da Redenção, Riacho Boa Sorte, Brejo Bom Tempo, Brejo de Redenção, Brejo Bonito e Brejo

[4] A classificação evidenciada é uma subclassificação proposta pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo em sua tese de doutoramento na qual propôs a subdivisão dos animotopônimos em eufóricos e disfóricos (Ribeiro; Dargel, 2014).

	Cheia, Ribeirão do Riachinho, Ribeirão do Salto (02), Ribeirão Uberaba e Rio Cachoeira.	Alegre.
Feira Nova do Maranhão	Rio Brejão (02) e Lagoa Seca.	*Eufórico*: Riacho Bom Jardim.
Riachão	Rio Brejão, Ribeirão Corrente, Ribeirão do Correntinho, Ribeirão da Água Branca, Riacho Boqueirão (02), Riacho Riachão Velho, Riacho Boqueirão, Riacho Riachão Velho, Riacho Bebedouro, Riacho Água Branca, Riacho Água Boa, Riacho Seco, Córrego Paranaguá, Córrego Atolador (02), Córrego do Brejo, Córrego do Brejinho, Córrego Correntinho (02), Brejo Brejão e Brejo Brejo.	*Disfóricos*: Riacho das Mortes, Córrego Enjeitado e Brejo Feio (02). *Eufóricos*: Rio Sereno, Rio Maravilha (04), Ribeirão Boa Esperança, Ribeirão da Bela Vista, Riacho da Mansinha (02), Riacho Frutuoso (02), Riacho Prazeres (02), Riacho Sereno, Riacho dos Prazeres e Riacho Penitente.
Tasso Fragoso	Rio Parnaíba (02), Riacho Cabeceira do Fosdão, Riacho Olho d'Águinha, Riacho Cabeça-d'Água, Riacho do Brejo, Riacho do Olho d'Água, Riacho do Brejo (02), Riacho do Brejão, Riacho Sumidouro (02), Riacho Correntinho (02), Riacho da Cachoeira, Brejo do Boqueirão, Brejo do Sumidouro e Brejo Seco (02).	*Disfóricos*: Riacho Desmazelo, Riacho Desamparo, Brejo da Fadiga (02) e Brejo Ruim. *Eufóricos*: Ribeirão da Pureza, Ribeirão do Salvo, Ribeirão Pureza (02), Riacho do Sossego, Riacho do Alegre e Riacho Pureza.

Fonte: elaboração dos autores.

Os nomes dos cursos de águas elencados evidenciam a relação de experiência, de afetividade e de intimidade estabelecida entre os sujeitos e o ambiente hídrico, revelando, conforme Araújo (2014), as experiências com o espaço por meio dos significados das palavras, neste caso, dos hidrônimos (nome dado aos cursos d'água). Em relação aos aspectos de ambiente experienciado (Andrade, 2017), há o hidrônimo Rio *Parnaíba* - Sampaio (1955 [1901], p. 260) escreve *Parnahyba*, que remete a *Paranahyba*, o qual seria alteração de *Paraná-ayba/Paranã-ahyba*, "o grande caudal ruim ou impraticável", *-aiba, -ayba*, "ruim, mau; azedo, acre, ardente." (Sampaio, 1955 [1901], p. 168) – que reflete uma visão da funcionalidade do curso de água para a comunidade, projetando sobre o ambiente, por meio da nomeação, o valor de adversidades tanto para navegação quanto para consumo. Porém, embora o

Rio *Paraíba* tenha como característica sua água barrenta durante todo o ano (associada ao afeto negativo), sabe-se que sua água é potável e consumida pelas comunidades que se fixaram às suas margens.

O afeto negativo (medo/ estranheza) também é observado em nomes de cursos d'água motivados pelo estado emocional do denominador, os animotopônimos. O medo, nesse caso, apresenta-se como uma indicação necessária à sobrevivência, em que tais percepções negativas são intensificadas pelos sentidos, como a visão, a audição e o olfato, e permitem que tomemos consciência do espaço (Tuan, 2005). No entanto, os medos não são permanentes, mas se constituem como resultados de experiências situadas em um determinado recorte temporal.

No âmbito deste estudo, tais experiências - das quais por meio delas, em interação com a paisagem, é que o ser humano conhece e constrói a realidade (Tuan, 2013) - revelam-se cristalizadas no léxico toponímico, conforme se observa nos topônimos apresentados a seguir, em que os sentidos atribuídos se vinculam a experiências desagradáveis, resultando, conforme Tuan (2005), em uma paisagem do medo. Desse modo, há os hidrônimos animotoponímicos marcados pela instabilidade e sofrimento, favorecendo nomes com sentido de lamentação (Rio *do Choro*), de medo (Rio *Medonho* e Riacho *do Temerante*), de conflito (Riacho *da pendenga*), de ausência de cuidado (Riacho *Desmazelo*, Riacho *Desamparo*) e de morte (Rio *das Mortes* e Riacho *das Mortes*).

Diferentemente dos disfóricos, os animotopônimos eufóricos representam o conceito de topofilia por meio dos vínculos afetivos positivos que os indivíduos e grupos estabelecem com o referente nomeado, uma vez que não compreendem os sinais de alarme e de ansiedade em relação à paisagem, mas é percebido como agradável e promissor. Assim, as conexões positivas favorecem nomes relacionados à beleza, à esperança e à sensação de tranquilidade, como Ribeirão *pureza*, Brejo *da Persistência*, Brejo *da Boa Vista*, Riacho *da Promissão*, Rio *Maravilha*, Riacho *Boa Esperança*, Riacho *Bom Tempo*, Brejo *Bonito*, Brejo *Alegre* etc.

Conforme Tuan (2012), os órgãos sensoriais e as experiências são responsáveis pela intensidade do afeto pelo lugar. Nesse sentido, alguns nomes refletem as percepções captadas por mais de um sentido, como em Riacho *Bom Tempo* e Rio *Maravilha*. Ao nomear o curso d'água por meio dessas designações, o denominador associa-o a aspectos sensoriais variados: visuais, como a paisagem agradável e a aparência da água; auditivos, como o som suave da correnteza;

olfativos, relacionados ao cheiro de terra molhada ou da vegetação circundante; e táteis, ligados à sensação térmica agradável do clima e da água. Dessa forma, o lugar é apresentado como uma experiência sensorial e íntima, marcada por percepções positivas e por memórias afetivas que contribuem para a construção de seu significado.

Além disso, há os hidrotopônimos e os animotopônimos de ordem descritiva, que demonstram uma apreensão direta dos nomeadores e do lugar, revelando "o equipamento perceptual do homem" (Tuan, 2012, p. 21). Dentre os vários aspectos sensoriais[5], podem ser especificados nos topônimos como: i) táteis: Rio *Água Quente* e Riacho *Água Boa,* Ribeirão *Bebedouro*; ii) visuais: Ribeirão *Água Branca,* Riacho *da Lagoa Vermelha*, Córrego *Água Barrenta,* Ribeirão *da Bela Vista,* Brejo *Feio,* Brejo *Bonito,* Brejo *Boa Vista*; iii) auditivos: Ribeirão *Fervedor,* Rio *Sereno,* Rio *do Choro;* e iv) olfativos: Rio *Ruim*. Em relação às cores, Tuan (2012) diz ser o elemento que, desde tenra idade, desempenha papel importante na ordenação das emoções.

> É a partir do hidrônimo que uma dada realidade social pode ser desvelada, conhecida, desvencilhada através dos tempos. Pois, o hidrônimo sendo descritivo e nominativo, se refere à realidade geomorfológica do rio nomeado e estabelece a pura relação existe entre o homem e o território, com a necessidade de por meio do nome se apoderar da coisa nomeada, mediante a língua (Silva; Siqueira, 2022, p. 2).

Esses hidrônimos funcionam como catalisadores de afeto pela importância para a sobrevivência e para a manutenção das memórias criadas nos espaços, com também em relação à cultura e à economia, devido à funcionalidade dos rios ou riachos no cotidiano das comunidades para se conectarem a outros espaços. Os hidrônimos hidrotoponímicos revelam a dinâmica do fluxo da água, ressaltam a força e a velocidade desses recursos, como em Ribeirão *Correntão*, Riacho *Correntinho* e Ribeirão *do salto*. Em *correntão* e *correntinho*, observa-se, no processo de conceptualização dos elementos, por meio da experiência de estar e ocupar esse espaço por muito tempo, a organização das coisas do mundo através das palavras, estabelecendo um contraste necessário para identificação dos elementos, conforme observado a seguir na discussão acerca dos diminutivos.

[5] Conforme Tuan (2012), os traços perceptuais comuns, que nos ajudam a perceber o mundo, são os sentidos, como visão, tato, audição, paladar e olfato.

Os diminutivos e aumentativos revelam um aspecto subjetivo da nomeação, aproximando-o da dimensão afetiva, conforme propõe Tuan (2012), como em Rio *Riozinho*, Rio *Parnaibinha*, Riacho *Correntinho*, Brejo *Brejão*, bem como um elo de contiguidade, um vínculo filial (a forma comparativa) entre os elementos hídricos presentes no mesmo município, como em Rio *Parnaíba* > Rio *Parnaibinha*, na tentativa (pela experiência de convivência cotidiana com o elemento) de identificá-los por compartilharem traços semelhantes em sua constituição, como a cor e a força da água e contiguidade como afluente do maior. As características apresentadas revelam um lugar vivido e funcional às comunidades, destacando os hábitos e a percepção do grupo em relação ao mundo, em que o léxico hidronímico é organizado a partir das apreensões dos indivíduos acerca do meio ambiente natural em um processo de organização espacial e cultural, criando um universo significativo que se revela por meio do sistema lexical (Biderman, 1998).

Há ainda os nomes que revelam a existencialidade do elemento na paisagem, próprio da cultura material, como Brejo *da Enxada*, ou dos animais que usufruem desses elementos vitais à vida, como em Brejo *da Onça*. Nesse processo de nomeação, destaca-se um aspecto particular: o amalgamento toponímico, que consiste na fusão funcional entre os elementos genérico e específico, quando o próprio elemento genérico passa a exercer a função de nome específico. Trata-se de um processo de autodesignação toponímica, no qual categorias antes distinguíveis tornam-se uma unidade indissociável, configurando uma refuncionalização semântica genérico-específico. Nesses casos, o lugar se nomeia a partir de si mesmo, e o elemento físico não apenas classifica, mas identifica, como se observa em topônimos como *Cachoeira Cachoeira*, *Brejo Brejo* e *Córrego Córrego*.

Em relação a esse aspecto, convém considerar que pode refletir procedimentos metodológicos do órgão responsável pelo registro toponímico dos nomes, em que, ao nomear o lugar pelo que ele representa ser, faz-se necessária a inclusão de um elemento específico que funcione como referente identificador.

Em alguns dos municípios, os hidrônimos acionaram cursos de águas marcando a presença variada de elementos hídricos como nascentes e outros aspectos fluviais que se ligam em um determinado ponto, tornando-se um só, como Brejo *do Boqueirão*, Riacho *do Brejão*, Riacho *do Brejo* (03), Riacho *Correntinho* (03), Rio *Parnaíba* (02), Brejo *Seco* (02), Riacho *Sumidouro* (02), Brejo *do Sumidouro*,

Riacho *Cabeça-d´água*, Riacho *Cabeceira do Fosdão*, Riacho *da Cachoeira*, Riacho *do Olho d'Água* e Riacho *Olho d'Águinha*.

Entre as nomeações, observou-se que há poucas incidências de aspectos que resgatam a ausência desses recursos hídricos no ambiente, como em Lagoa *Seca* e Brejo *Seco*. Em algumas regiões a seca de cursos d'águas são comuns em períodos de estiagem, pois não possuem características de permanência, surgindo apenas nos períodos de chuva. No entanto, considerando a visão antropocêntrica que rodeia os seres humanos, que muitas vezes se desintegram da visão de comunhão com o meio, desmatando de forma exagerada o ecossistema vegetal ao redor dos cursos de águas e, consequentemente, resultando no desaparecimento deles, assim como o reino animal e vegetal também são prejudicados, representando uma relação não afetiva e desrespeitosa com o lugar.

Conclusão

As motivações presentes nos hidrônimos são representativas das relações linguísticas, ambientais e culturais, demostrando a relação entre a língua, quem a utiliza e o ambiente, as quais partem do aspecto de sensibilização com o meio, conforme o conhecem e, assim, o nomeiam. Portanto, a análise demonstra que os nomes de rios, ribeirões, riachos, córregos e brejos constituem aspectos sensíveis e afetivos que se materializam no léxico, já que os hidrotopônimos e animotopônimos não apenas identificam o espaço, mas preservam modos de viver, perceber e habitar o território, confirmando o papel da toponímia como campo privilegiado para a compreensão da interação entre linguagem, cultura e território.

Outrossim, considerando a constituição geral do léxico hidronímico, observa-se que acionam bastante elementos que caracterizam as águas dessas correntes fluviais, como, por exemplo, Córrego *Água Branca*, Córrego *Água Barrenta*, Brejo *da Água Branca*, Rio *Água Quente*, Ribeirão *Fervedor*, Ribeirão *Correntão*, além de apresentarem a existência dos elementos do espaço, por exemplo, Riacho *Brejo da Onça*, Riacho *Brejo da Enxada*. Dessa forma, nos hidrônimos hidrotoponímicos de estrutura composta, observa-se que as comunidades, ao nomearem esses elementos, referenciaram mais de um aspecto, pois "a motivação dos hidrotopônimos de estrutura composta normalmente valoriza mais de uma característica do meio ambiente como foco denominativo" (Isquerdo; Seabra, 2010, p. 91).

Em relação aos hidrônimos animotoponímicos, sobressaíram-se os que refletem percepções positivas do espaço, evocando, por meio dos cursos d'água, os sentimentos de prosperidade e de tranquilidade, com destaque à estrutura composta formada pelo adjetivo *bom*, como em Riacho *Bom Jardim*, Riacho *Boa Vista* e Riacho *Boa sorte*. No que se refere aos disfóricos, estruturalmente, foram todos formados por um único nome e revelaram sentimentos que não são captados somente pela visão, como medo e estranheza.

Em suma, o elo entre a Toponímia e a Topofilia revela a complexidade da relação das pessoas com o espaço, demonstrando que estão longe de serem áreas de estudo isoladas, em que se alia o rigor teórico-metodológico da Toponímia e a compreensão de experiência afetiva com espaço na perspectiva da Topofilia. É, portanto, uma relação pertinente não apenas para os estudos no âmbito acadêmico, mas por permitir um novo olhar ao espaço que habitamos.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. **Revista de Estudos da Linguagem**, *[S. l.]*, v. 25, n. 2, p. 585–607, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28213. Acesso em: 01 jan. 2026.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

ARAÚJO, Gilberto Paulino. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga**: uma relação entre língua e meio ambiente. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BACKHEUSER, Everardo. Toponímia: suas Regras, sua Evolução. **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro, v. IX-X, n. 25/30, p. 163–95, 1950. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/40996352. Acesso em: 01 jan. 2026.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo: Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n.2. p. 81- 119, 1998.

CASTRO, Maria Célia Dias. Designação e poder na toponímia maranhense: uma reflexão a partir do papel do professor em formação. *In*: PORTO, Iris Maria Ribeiro; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **Gestão educacional e formação de professores**: olhares, contextos e vivências. Editora UEMA, 2017a.

CASTRO, Maria Célia Dias de. Graus de motivação e toponímia maranhense. De volta ao futuro da lingua portuguesa. **Atas do V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, p. 391-410, 2017b.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURVELO, Heloísa Reis. **TOPÔNIMOS MARANHENSE**: testemunhos de um passado ainda presente. 2009. 282 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.** Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: , 1990b.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Hidronímia e toponímia:
interinfluências entre meio ambiente e história". *In*: **As Ciências do Léxico**: Lexicologia.
Lexicografia. Terminologia. vol. VII. ISQUERDO, A.N. DAL CORNOR, G.O.M. (orgs). Campo Grande: Editora UFMS, 63-80, 2014.

ISQUERDO, Aparecida Negri.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos
sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. *In*: Aparecida Negri Isquerdo; Lídia Almeida Barros. (Org.). **As Ciências do Léxico:** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**.** Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010.

JORGE JÚNIOR, Idelfonso de Sousa. **Caminho das águas**: um estudo das motivações presentes nos hidrônimos Maranhenses, Microrregião do Gerais de Balsas. 2024. 163 f. Monografia (graduação). Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Balsas, 2024.

NASCIMENTO, Rodrigo Vieira do; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1003-1029, 2018. Disponível
em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27862. Acesso em: 25 jan. 2026.

PEREIRA, Edson Lemos. **A contribuição indígena à hidronímia maranhense** [manuscrito]. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2022.

PIOVESAN, Marta Helena Facco. **A construção de identidades**: (des)encontros no sul do Maranhão. Curitiba: CRV, 2020.

RIBEIRO, Ana Lúcia; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Toponímia: teoria geral e análise quantitativa dos litotopônimos do estado de mato grosso do sul catalogados no ATEMS. **Web revistas páginas de debates**, 2014. Disponível:

http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/22/Arquivos/ribeirodargel.pdf. Acesso em: 15 de novembro de 2025.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. *In*: COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ARAÚJO, Gilberto Paulino de; ALBUQUERQUE, Davi Borges de (orgs.). **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: EDUFG, 2016.

SILVA, Cleber Cézar da; SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. HIDRONÍMIA PIRESINA INTERPRETADA VIA ECOLINGUÍSTICA. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2022. DOI: 10.20873-ccs-kmsf. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/12049. Acesso em: 11 janeiro de 2026.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yu-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.